

Iracema mãe de Alencar

Elaborado por: Wander Lourenço (UFF/UNESA)

“Iracema voou para América”(Chico Buarque de Hollanda)

A investigação crítica elaborada através dos registros extraficcionais sempre pareceu primordial para a análise dos escritos literários; e, em se tratando de um autor tal como José de Alencar, cujo conjunto epístolo-ensaístico que margeia as suas edições indianistas – prefácios, posfácios, notas de rodapé etc, tais menções às margens das obras de caráter indianista *O guarani*, *Iracema* e *Ubirajara* abrangeriam uma parcela significativa de inserções discursivas calcadas no âmbito da legitimidade e verossimilhança narrativas, oriundas de um projeto de nacionalidade a ser abarcado pela prosa de ficção do século XIX. Não obstante, se observaria a priori de bom grado a prefiguração do silvícola ameríndio que, tenazmente, opôs-se à escravização sacro-ideológica portuguesa e europeia de um modo geral – vide a progressão poligâmica e o canibalismo vigente nos registros quinhentistas de André Thevet e Montaigne – ao passo que não resistiria às armadilhas da narração heróica, quando eleitos para a representação do Peri-herói, no bojo de um passado histórico mais apto ao *Éden brasillis* ou ao Paraíso terreal, transcrito por Silviano Santiago.

O aprisionamento desta concepção heróica historicamente desagrilhada da condição inumana, que demarcaria o percurso reconstruído pelo ideário romântico, alicerçado na proposição de (re)interpretação mítica não poderia demonstrar reações às correntes ou vertentes imaginárias concebidas pelas manifestações oitocentistas, de vez que os primeiros habitantes americanos não impunemente foram arrancados sob disfarces poéticos das páginas pós-cabralinas dos Aires de Casal, Fernão Cardim ou Frei Vicente de Salvador. As desapropriações historicistas antes contribuiriam para a instauração do mito do “mau selvagem” anti-rousseauano originado pela inversão trovo-cavaleiresca do índio medieval, alegoricamente constituído e retratado pelos espelhos luso-franco-holandeses dos Gonçalves Magalhães e Dias, com submissas mãos delicadas para o aceno pátrio-cívico ou ainda para melhor acarinhar a dócil face de Cecília d’*O Guarani* mais a contento da idealização estético-burguesa. Todavia, ainda assim fora o indígena

alencareano quem dera o segundo grito de independência étnico-lingüístico pós-Pedro I, por constituir a subsequente ruptura idiomática em detrimento da ameaçadora sintaxe lusitana. E oxalá o tupi-guarani do Major Quaresma e do pajé Oswald de Andrade sem macumba para turista!...

De outra feita, o branco ‘desvirginador’ de índias desavergonhadas da Carta de Vaz Caminha, ao instaurar a civilização antártica demonstraria resistências à conciliatória pena etno-romântica, visto como, mesmo quando os intelectuais do século XIX traçaram a conjugação entre a América e a Europa, não seriam descaracterizados e mutilados ao extremo em seus anagramas e perfis anatômicos. Em *Iracema*, por exemplo, após a proposição da conjugação entre o macunaímico *príncipe lindo* branco europeu *dos olhos azuis* e a raça colonizada provinda da velha índia *tapanhumas que pariu uma criança feia* a que chamaram de Mário de Andrade, quando se atenta para o batismo de Martim em Coatiabo, o amante da virgem filha de Araquém, apontariam os perspicazes críticos pós-Alencar, conservaria os seus hábitos civilizados de antanho. Ora, quiçá caberia a indagação referente ao fato de que elemento étnico de além mar não sofrera quase o idêntico processo de proliferação de sua ameaçadora presença e identidade, calcada, sobretudo, no vigor de adaptabilidade aos modos e costumes dos selvagens na ópera antropofágica modernista. Isto em razão de estarem se devorando por vezes a carne humana e bíblicamente se multiplicando, em dionisíacas orgias à moda ménage-a-je-suis-trezentos com os indígenas à flor da pele tingida por Rocha Pita e afins. Quanto a isto, vide a carnívora insurreição sexual dos europeus nas epístolas de Nóbrega ou Vieira e também no fictício parto de cócoras dos caboclos Capiroba e Jeca Tatu na barroca enciclopédia futurista de Gregório de Matos e Guerra ou na geléia geral de Glauber Rocha.

Ao contrário desta constatação, a narrativa de *Iracema* esboçaria o desenho de um guerreiro nostálgico, mas muitíssimo apaixonado pela ex-*virgem* dos lábios de mel, que em hipótese alguma se renderia aos grilhões da colonização Caramuru de Santa Rita Durão. O Romantismo ainda impusera a dita civilização do pecado cristão ao silvícola ameríndio através do dicotômico faz-de-conta teatral, a fim de que se atingisse *mui* além da força do açoite e da pólvora, ao dialogar com o aprisionamento ideológico-judaico do imaginário dos espectadores da didática dramaturgia de São Anchieta, no púlpito da Capela de São Lourenço dos Índios. Desta forma, no entanto, não seria mais incabível ainda se José de

Alencar propusesse uma espécie de inversão de catequese cristã; ou seja, o travestir-se ou a transmutação do europeu colonizador num autêntico Ubirajara apreciador de carne holandesa *a la carte* acompanhada do bom cauim de Cabo Frio feito pelas virgens tamoiás de Hans Staden ou Jean de Lery? E, por este viés, não abarcaria maiores conseqüências o fato de que, após a sua cerimônia rito-batistal ameríndia, o amante da filha de Araquém arremessasse o espírito e o pensar ao modo de Robinson Crusoe de tacape, arco e flecha assaz receptível aos espelhos, bugigangas e facões de Villegagnon ou Álvares Cabral?

Ao propor tais questões caberia hipoteticamente indagar quão seriam as críticas contemporâneas ao movimento psicológico de Martim, ao que se refere ao seu percurso pseudo-indígena na pele branca de Coatiabo, a tal ponto que se inserisse a indagação: não causaria ainda mais estardalhaços aos leitores o comportamento inadequadamente cordial asselvajado do legítimo herói lusitano pernóstica inacreditavelmente improvisado na condição tupinambá ou guarani? Decerto diriam os audazes detratores do processo de metamorfose do silvícola em Dom Gaalaz, conforme inversamente o fizera carnavalescamente Oswald de Andrade em seu *Manifesto Antropófago*, mediante a acusação de que os selvagens com bons trejeitos modos portugueses artificiais, qual barítonos figuravam nas operetas nos salões da corte fluminense. Destarte, tal comportamento forçosamente indianista de Martim ao que parece soaria tão falso quanto as sutilezas das mãos e espírito dos *gentleman* Juca Pirama, vestido de senador do Império ou moqueado em salmoura ao gosto de Luis de Camões e Almeida Garret.

A partir deste raciocínio, quiçá seja de bom alvitre salientar que o europeu e o silvícola ameríndio encontram-se em iguais condições devidamente distanciados – o primeiro pelo espaço geográfico; e o segundo, pela cronologia proposta pelo retorno ao passado histórico. Aos elementos etnográficos de composição conciliatória disponíveis pela concepção romântica não resistiriam brancos e índios seduzidos pelos cânticos de guerra compostos pelo maestro João Caetano. E oxalá Gabriela Cravo e Canela e o cacique tupi Heitor Villa-Lobos tocando alaúde, acompanhado da flauta crioula de Pixinguinha e do piano fox-trot de Antônio Carlos Jobim!...

A personagem Iracema, com vultos de anagrama da América, vem a ser a concepção heróica que abarcaria em sua trajetória sócio-lendária as tais noções pátrio-histórico-geográficas que demarcariam o romance de Fundação romântico; e, por

consequente, vem a ser esta virgem dos lábios de mel, ainda que no bojo de toda idealização da Cor Local, o elemento etnográfico possível de consignação sociológica com o elemento europeu colonizador, Martim. Nos registros epistolares sobre a Confederação dos Tamoios de Magalhães, constata-se que conquanto haja os Caubis, Irapuãs e Potis europeizados, há uma brasilidade artificialmente magnífica, a ponto de Agripino Grieco ressaltar que afloraria uma inexplicável originalidade local com o cheiro e gosto do país que, se o índio não foi assim como Alencar imaginara, deveria de sê-lo. Destarte, a guerreira virgem se movimenta no âmbito alegórico por três níveis da narração:

- Virgindade / O segredo da Jurema / A violação da Terra;
- A Conciliação / A inadaptabilidade de Martim / O cultivo da Terra;
- A expiação / O nascimento de Moacir / O Fruto da terra.

Ao situar a heroína romântica num patamar simbólico a partir da conjugação de elementos alicerçados nos conceitos de Origem, Conciliação e Fundação, o narrador alencareano permearia o discurso com alusões referentes ao fato de que Iracema se desdobraria num ritmo de significâncias múltiplas, que a impeliriam ao lendário e ao mítico, extrapolando o caráter histórico:

- A raça ameríndia anterior ao contato com o branco colonizador – a Origem;
- A miscigenação do indígena com o elemento europeu – a Conciliação;
- A frutificação das etnografias – a Fundação.

Neste processo dialógico, uma das críticas que se faz à obra literária em questão vem a ser a não introspecção entroncada na subsistência bárbara dos selvagens concebidos pelo Romantismo, no tocante ao que diz respeito à virgem dos lábios de mel. A tais questionamentos ainda se aliarão o “apagamento racial” ou a não presença do elemento negro, haja vista ser o registro indianista acusado de suprimir a origem africana na constituição inverossímil da nação ao conceber a violação do processo colonial, conforme assevera Alfredo Bosi. Ora, se o neo-realista Graciliano Ramos e até Guimarães Rosa sofreram restrições por inculcar de introspecção em suas concepções sertanejas Fabiano, Vitória, Paulo Honório, Riobaldo etc., o que não diriam de uma indígena abalroada de

conflitos e dramas psicológicos, que o ultrapassassem a dor da saudade. Enfim, quanto às considerações críticas a respeito da supressão da presença do negro num romance de Fundação pátria, não se levando em conta o caráter mercadológico/escravocrata nem a historicidade contextual, em que situação narrativa caberia a inserção de tal elemento etnográfico no projeto de nacionalidade que deságua em *Iracema*? Os pios leitores, conforme se refere Alencar, reivindicassem que a conciliação das etnias concebesse um “preto retinto” Moacir; ou, quem sabe, se se arranjasse um Sexta-Feira amulatado para acompanhar o guerreiro branco pelos trópicos americanos caracterizados pelas tropicalistas matas do Ipu. E oxalá o macumbeiro Vinícius de Moraes, batendo atabaque num altar-mor de Aleijadinho, após pitar cigarro de palha com Dorival Caymmi e Macunaíma, deitado na rede de paxiúba: “– Ai, que preguiça!...”

Wander Lourenço (Doutor em Literatura Comparada / Professor de Literatura Brasileira – UFF/UNESA)